

Agro e petróleo devem levar a recorde na balança comercial



Exportação em alta. Enchimento de soja em navio graneleiro no Porto de Santos (SP); no mercado global do grão, Brasil responde atualmente por cerca de metade da oferta. Expansão da produção agrícola fortalece balança comercial do país

VINÍCIUS NEDEER
CAROLINA NALIN
@vinedeere

REFORÇO NAS EXPECTATIVAS

IMPULSO EXTERNO

Turbinada por grãos e petróleo, balança comercial caminha para terceiro recorde seguido

As contas externas, fonte frequente de problemas para países emergentes, mudaram de lado no Brasil e, nos últimos tempos, vêm impulsionando a economia do país. Com a pujança do agronegócio e a produção de petróleo nas reservas do pré-sal, a balança comercial brasileira teve saldo de US\$ 45 bilhões na primeira metade deste ano, um salto de 31,5% ante igual período de 2022. O Boletim Focos, do Banco Central (BC), que capta as projeções de analistas do mercado financeiro, começou este mês projetando US\$ 64 bilhões em 2023. Anteriormente, a previsão subiu para US\$ 65 bilhões. Se isso se confirmar, será o terceiro ano seguido de superávit recorde, com o país exportando mais do que compra no exterior.

Nos últimos anos, melhorou nos números do comércio exterior. A taxa de crescimento do volume exportado e não dos preços. As cotações dos itens mais vendidos pelo país, como soja e milho, vieram em queda este ano, mas a produção está em alta. Os preços internacionais voltaram a subir nos últimos dias, após a Rússia suspender o acordo que permitia à Ucrânia exportar grãos pelo Mar Negro. Ontem, os contratos futuros mais negociados de milho saltaram 5,6% na Bolsa de Chicago. Os do trigo avançaram 2,60%, e os da soja, 1,25%.

A investida russa, iniciada em fevereiro de 2022, afetou as exportações da Ucrânia, um dos maiores produtores de alimentos da Europa. A restrição da oferta no ano passado ajudou a turbinar a inflação global com a valorização das commodities agrícolas, mas o acordo havia trazido um alívio desde meados do ano passado. Uma nova alta nos preços internacionais de grãos teria impacto negativo sobre a inflação também no Brasil, mas, por outro lado, favoreceria ainda mais as contas externas brasileiras.

Para o presidente executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto Castro, o impacto deve ter "curta duração". Isso porque as exportações ucranianas (com destaque para milho, trigo e cevada) não têm volume suficiente para modificar o cenário global anual.

— Etem para o Brasil? Sim, mas o benefício é pequeno — afirmou Castro, em relação à possibilidade de as cotações aumentarem as exportações brasileiras em valor.

IMPACTO SOBRE A INFLAÇÃO
Num momento em que países vizinhos como a Argentina têm como um dos principais elementos de crise a escassez de dólares, as exportações em alta aumentaram o fluxo da moeda americana para o Brasil, o que favorece a valorização do real e reduz a pressão inflacionária. Mas, se uma eventual valorização das cotações agrícolas pode impulsionar ainda mais a balança comercial, poderia, por outro lado, voltar a pressionar a inflação num momento em que o BC se prepara para iniciar o corte dos juros.

No Brasil, boa parte do alívio observado nos preços este ano tem vindo dos alimentos, em meio à safra recorde. Nos supermercados, itens como óleo de soja, carne e derivados de milho estão mais baratos.

Segundo André Braz, coordenador de Índice de Preços da FGV, embora seja cedo para avaliar o impacto dos novos problemas na Ucrânia, cotações em alta costumam se espalhar no setor de alimentos: — O trigo pode influenciar os paraficados, enquanto a soja pode influenciar os preços das rações para frango, suínos e aumentar os preços das carnes. Pode sobrar até para o leite, porque os aviários têm suplemento à base de soja.

Independentemente das cotações diárias, alguns analistas veem uma mudança estrutural. Em maio, Robin Brooks, economista-chefe do IIF, uma associação global da indústria financeira, escreveu nas redes sociais que o Brasil está no ca-

COMO AS CONTAS EXTERNAS AJUDAM A ECONOMIA

As exportações de soja e petróleo têm batido recordes sucessivos...

ANO (JAN-JUN)	EXPORTAÇÕES DIÁRIAS (US\$ MILHÕES)	SOJA (US\$ MILHÕES)	PETRÓLEO (US\$ MILHÕES)	IMPORTAÇÕES (US\$ MILHÕES)	SALDO (US\$ MILHÕES)	VARIAÇÃO DO SALDO ANTE ANO ANTERIOR (%)
2009	165.690	33.396	18.747	120.615	45.065	31,5
2022	334.135	46.559	42.554	272.611	61.525	0,2
2021	280.815	38.639	30.609	219.408	61.407	21,9
2020	209.180	28.564	19.614	158.787	50.393	43,2
2019	221.127	26.077	24.200	185.928	35.199	24,4
2018	231.890	33.055	25.251	185.322	46.568	45,9
2017	214.988	25.718	16.625	158.951	56.037	39,4
2016	179.526	19.331	10.074	139.321	40.205	183,9
2015	186.782	20.984	11.781	173.104	13.678	—
2014	220.923	23.277	16.357	230.823	-9.900	—
2013	232.544	22.812	12.957	241.501	-8.957	—
2012	239.953	17.450	20.289	225.166	14.786	42,5
2011	253.666	16.322	21.603	227.970	25.697	50,3

... e números ajudam a melhorar expectativas do mercado este ano

PROJEÇÃO PARA BALANÇA COMERCIAL EM 2023 (US\$ MILHÕES) (MEDIANA DAS PROJEÇÕES NO INÍCIO DE CADA MÊS)



Fonte: Média e BC * JAN-JUN

PROJEÇÃO PARA O PIB EM 2023 (EM %)



ESTIMADAS ANTES

mínimo de se formar Suíça (conhecida pelas grandes reservas que fortalecem sua moeda) da América Latina", porque um "enorme superávit comercial está emergindo", que "vai dar ao Brasil estabilidade externa e uma moeda forte".

Desde 2000, as exportações de soja do Brasil cresceram, em volume, quase sete vezes. O de vendas de petróleo é qua-

se seis vezes o de 20 anos atrás. — Na nossa região, tivemos nos últimos 20 anos um aumento de 20% na área (plantação), mas nosso aumento de produtividade já chega a 50% — diz o produtor de soja Joel Ragagnin, dono da Fazenda Santo Antônio, em Jataí (GO), e presidente da Aprosoja-GO, a associação dos agricultores locais. — A aplicação de tecno-

leira ficou com uma fatia de 44% a 56%, ante participação de mercado entre 28% e 36%, de 2003 a 2012, mostra um relatório do Ipea. As exportações de petróleo do Brasil foram de 0,5% a 1,5% das vendas mundiais, entre 2003 e 2013. Em 2021 e no ano passado, ficaram em 3,5% e 3,2%, respectivamente. Segundo economistas, a entrada de dólares das exportações movimentou a economia local e é um dos fatores por trás da queda na taxa de câmbio nos últimos meses, ajudando a segurar a inflação. Estes ventos externos favoráveis ajudam a melhorar a visão sobre a economia brasileira.

— Havia uma perspectiva de menor crescimento do comércio mundial e, ao mesmo tempo, de queda nas cotações de commodities, o que as pessoas associam a uma piora do cenário externo para o Brasil, então é isso que estamos vendo — diz Julia Braga, coordenadora de Acompanhamento e Estudos da Conjuntura do Ipea.

UM 'BOOM' DIFERENTE

Nos anos 2000, no primeiro governo Lula, o boom nas cotações de commodities primárias também ajudou a turbinar o crescimento econômico, mas numa proporção mais significativa e pontada pela alta dos preços internacionais. Para economistas, o fato de a expansão agora se dar por volume vendido de grãos e produtos menos sucessíveis à volatilidade. Por outro lado, eventual queda de investimentos na safra seguinte, limitando a produção, lembra Lia Valls, pesquisadora do FGV Ibre.

Bruno Lucchi, diretor-técnico da CNA, avalia que os produtos brasileiros que podem ser afetados pela suspensão do acordo entre Rússia e Ucrânia são o milho e, em menor proporção, o trigo. Mas também não vê impacto significativo no preço do milho, que tem no momento superoferta mundial. Quanto ao trigo, que o Brasil precisa importar, ele avalia que o acesso a outros fornecedores, como Argentina, EUA e Canadá, pode amenizar o efeito no preço. A dívida é sobre a importação de fertilizantes. A Rússia é responsável por 25% das importações de adubos e defensivos do Brasil, e o encerramento da guerra pode elevar os preços dos insumos. Procurados, os ministros de Agricultura e de Relações Exteriores não se manifestaram. (Colaboração Elaine Oliveira)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11